


Relato de Experiências

periferia
viva **mulher**

construções
coletivas pelo
acesso de **todas**
as mulheres aos
seus direitos



Esse material foi produzido no âmbito do projeto Periferia Viva Mulher, realizado pelo AIC Lab, com recurso do Ministério das Mulheres/Governo Federal, via emenda parlamentar indicada pela ex-deputada federal Áurea Carolina na Lei Orçamentária Anual de 2022.

Nele, você encontra as reflexões da equipe sobre as práticas e conhecimentos construídos no decorrer do projeto, quando atuamos com **40 coletivos** e grupos da cidade de Belo Horizonte e região metropolitana, promovendo campanhas sobre a garantia dos direitos das mulheres e formações para fortalecer grupos e coletivos organizados por mulheres das periferias da cidade.

The logo for AIC Lab is centered at the top. 'AIC' is in a bold, black, sans-serif font with a red horizontal line underneath. 'LAB' is in a stylized, black, handwritten-style font with three red lines radiating from the top right. The background is white with various abstract shapes in red, black, and blue, including curved lines, a speech bubble, a hashtag, and a stylized face.

Surgido em 2022, o AIC Lab é um laboratório institucional de experimentação metodológica da AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs - e um espaço de referência para o fortalecimento dos mais variados coletivos e organizações da sociedade civil que atuam pela promoção da cidadania. O laboratório é fruto da confluência e do amadurecimento de experiências construídas na AIC ao longo de décadas, no âmbito de diversos projetos - em especial, a ACS - Agência de Comunicação Solidária e o Periferia Viva.

Em um trabalho colaborativo junto aos grupos parceiros, o AIC Lab desenvolve tecnologias sociais, realizando atendimentos e formações em três eixos: comunicação, desenvolvimento institucional e articulação em redes. Fazem parte do escopo de ações o apoio na mobilização de recursos, planejamentos em comunicação, desenvolvimento de identidades visuais, produção de materiais informativos voltados à promoção da cidadania e encaminhamento de demandas de organizações da sociedade civil junto a outros parceiros da rede.



VIVA MULHER, COMO TUDO COMEÇOU!

Foi durante a pandemia da Covid-19 que deu o estalo: de acordo com o Fórum Nacional de Segurança Pública (2021), entre março de 2020, mês que marca o início da pandemia no Brasil, e dezembro de 2021, foram registrados 2.451 casos de feminicídio e 100.398 casos de estupro e estupro de vulnerável de meninas e mulheres no país.

Essa realidade começou a chegar até a AIC pela interlocução cotidiana que realizamos nesse período com mais de 150 iniciativas periféricas no âmbito dos projetos Periferia Viva ¹ e Comunidade Viva Sem Fome ².

¹ Rede criada em 2020 a partir de uma força-tarefa em prol da mitigação dos impactos da pandemia de Covid-19 nos territórios periféricos, promovida pela Agência de Iniciativas Cidadãs (AIC), em articulação com o Mobiliza Grupo de Pesquisa em Comunicação, Mobilização Social e Opinião Pública da UFMG, Fórum das Juventudes da Grande BH e Laço Associação de Apoio Social.

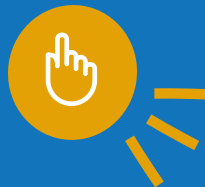
² Uma iniciativa de combate à fome e mobilização social, coordenada pela Agência de Iniciativas Cidadãs (AIC) e Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais, que já agregou mais de 150 grupos e organizações, localizados sobretudo em BH e na Região Metropolitana e distribuiu, até 2023, 2500 toneladas de alimentos a famílias em situação de risco social.

Dessa forma, em junho de 2020, realizamos a campanha Proteja a Vida, que distribuiu materiais informativos sobre a prevenção às violências contra as mulheres, crianças e adolescentes, junto de máscaras e álcool em gel, para as comunidades dos aglomerados Morro do Papagaio, Morro das Pedras e Serra, em BH. A ação contou também com uma música composta especialmente para ocasião por Lana Black e Clebin Quirino, que também produziu a faixa, com um videoclipe com imagens da performance “Muros” do Grupo de Teatro Morro Encena e rodas de conversa da coletiva Mulheres da Quebrada.

Em setembro de 2021, apoiamos, com recursos do Audioetal³/Comunidade Viva Sem Fome, ações territoriais sobre a temática desenvolvidas pelo Fórum das Juventudes de BH, projeto Tia Lu e Paróquia Nossa Senhora do Carmo (Paraopeba-MG). Além disso, esses 3 grupos construíram conosco mais um material educativo, dessa vez abordando os tipos de violência contra as mulheres, as diferentes formas de ajudar e buscar ajuda e também informações sobre a Lei Maria da Penha, que completava 15 anos naquela ocasião.



Acesse as ações educativas de **2020** e a de **2021**.



³ O Audioetal foi um edital em formato de áudio, que teve a sua primeira edição realizada em maio de 2021, através do qual iniciativas sociais trouxeram os desafios de suas comunidades e propuseram ações para mitigar esses problemas. Além de uma ação local, os grupos apontaram como tratar da temática apresentada em materiais educativos a serem distribuídos junto das 10 mil cestas de alimentos mensais doadas pela ação Comunidade Viva à época.

Nasce o **periferia viva mulher!**

DEZEMBRO DE 2022 A MARÇO DE 2024

Com a ampla distribuição dos materiais mencionados, nós da AIC recebemos pedidos de diversos grupos e coletivos para que pudéssemos falar mais sobre prevenção às violências contra as mulheres, produzir mais materiais impressos e conteúdos digitais que garantissem o acesso de mulheres moradoras de periferias a informações confiáveis e acessíveis. Com essa demanda latente chegando às nossas equipes, a ideia e a oportunidade de escrever um projeto que fosse totalmente focado na realização de ações e campanhas formativas para as mulheres tornou-se realidade com o Periferia Viva Mulher.

O Periferia Viva Mulher:

- Mapeou 40 coletivos periféricos liderados por mulheres e com ações voltadas para as mulheres da região metropolitana de BH;
- Criou e distribuiu 6 campanhas educativas sobre os direitos das mulheres elaboradas de forma colaborativa junto a 40 coletivos periféricos de mulheres da RMBH. Essas campanhas chegaram a 48 mil pessoas;
- Realizou 2 ciclos de formações para integrantes desses coletivos sobre Comunicação para Mobilização Social e Mobilização de Recursos;
- Promoveu ação continuada de mobilização, promoção de articulações e trocas entre eles.

Os temas das 6 campanhas e nossos aprendizados com essa construção coletiva, você confere a seguir:

COMBATE ÀS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES

Quem participou: Coletiva Mulheres da Quebrada, Projeto Ully, Aura da Luta, Coletivo U-Manas, Casa Tina Martins e Mães de Luta MG

O que construímos juntas: Os grupos participantes apontaram que seria importante produzir um material sob a perspectiva do acolhimento e do afeto com a vítima, trazendo narrativas que gerassem identificação, sendo compatíveis com a realidade das mulheres periféricas.

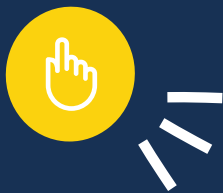
Para o texto, privilegiamos as informações de interesse coletivo, ligadas principalmente à segurança das vítimas, descrevendo os tipos de violências às quais as mulheres estão suscetíveis, os ciclos das violências (com objetivo de contribuir para a identificação de relações violentas a partir de situações hipotéticas), informações sobre como proceder caso a pessoa que esteja lendo a cartilha seja a vítima ou caso conheça uma mulher que vivencie essa situação.

Mas também foi importante tratar especificidades mesmo que sutilmente: uma das imagens é a ilustração de uma mão com uma aliança, ressaltando uma mulher casada, destacando que o casamento também pode ser um possível espaço de violência.

Em todos os materiais, foi muito importante que o conteúdo tivesse uma linguagem simples e trouxesse informações práticas de como agir em casos de violência contra as mulheres. Algo mais elaborado do que apenas dizer para onde ligar, mas com informações que possam ajudar de fato as vítimas. Tudo isso foi pensado a partir das conversas com os grupos que lidam no dia a dia com diversas situações. Um bom exemplo de coisas não habituais em campanhas com esse tema é tratá-lo sob a perspectiva do acolhimento e não do julgamento das vítimas. Usamos também exemplos de frases que são ditas no cotidiano e que podem prejudicar vítimas, dificultando que elas saiam do processo de violência.

Tratar sobre violência contra as mulheres no início do projeto se justificava: dados da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp) apontavam para um aumento de 11,5% nos registros de violência doméstica e familiar contra as mulheres em Belo Horizonte, entre os meses de janeiro a abril de 2023.

[Acesse a cartilha completa](#)



8 LEMBRE-SE, NENHUMA MULHER GOSTA DE APANHAR!

CUIDADOS COM A SAÚDE

Quem participou: Basuras, Centro Cultural Conceição Evaristo, Cio da Terra, Dreminas, Casa Acolher e Quilombo Aéreo

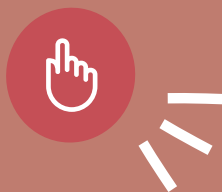
O que construímos juntas: Os temas de saúde da mulher mais urgentes trazidos pelos grupos participantes foram a prevenção e cuidados com as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), prevenção à gravidez, importância do pré-natal e os sintomas de doenças como o câncer de mama e de colo do útero. Também seria relevante considerar a falta de conhecimento sobre serviços de saúde da mulher que são ofertados gratuitamente no Brasil, através do Sistema Único de Saúde (SUS).

Foi importante criar um texto simples para tratar de explicações muitas vezes complexas, apontando sempre para a importância de todas as mulheres conhecerem bem seus próprios corpos para um bom acompanhamento de possíveis mudanças e sinais de alerta. Apostamos no conhecimento como a melhor forma de melhorar a qualidade de vida das mulheres em todas as fases da vida.

O conteúdo traz um compilado de informações sobre os principais direitos que envolvem a saúde das mulheres, como a Lei do Minuto Seguinte, que garante assistência à saúde física e mental a vítimas de violência sexual; o direito ao planejamento familiar, ao aborto (nas situações previstas pela legislação brasileira) e a ter um acompanhante durante o parto, por exemplo.

A cartilha foi construída pensando no público maior atendido pelos grupos, que são as mulheres cisgênero (aquelas que se identificam com o sexo de nascimento). Essa foi uma boa discussão, pois nos fez atentar para outra necessidade: a de falar sobre a saúde da mulher trans. Essa será uma pauta importante a ser considerada numa oportunidade de continuidade do projeto!

[Acesse aqui a cartilha completa](#)



A construção deste material foi possível graças à colaboração da Melissa Evelyn Lopez Carrasco, CRM 80572, médica da família responsável pela revisão. Deixamos aqui registrado o nosso agradecimento à ela.

EMPREENDEDORISMO E DIREITO DAS TRABALHADORAS

Quem participou: Flores do Morro, Renca, Roots Ativa, Oca Ilê, É de Preto, Projeto Badu e Tia Lu

O que construímos juntas: A temática escolhida pelos coletivos propõe um olhar para os empreendimentos e condições de trabalhos desenvolvidos por mulheres nas periferias do Brasil. Segundo os dados do Instituto Rede Mulher Empreendedora (RME), só no terceiro trimestre de 2022, 10,3 milhões de mulheres eram donas de negócio no país. Desse total de empreendedoras, cerca de 38% nas periferias. Pensando nesses números, o material propõe levar a essas mulheres a compreensão da importância de um bom planejamento no processo de abertura e formalização do negócio, além de uma série de informações sobre direitos trabalhistas.

Durante os encontros preparatórios para construção da campanha, o grupo de trabalho destacou que empreender, para muitas mulheres, foi a única forma de conseguir o sustento das suas famílias. Com o aumento do desemprego durante a pandemia da Covid-19, as mulheres precisaram se movimentar ainda mais para sustentar suas famílias, muitas delas utilizaram os seus conhecimentos para abrir o próprio negócio e assim gerar renda.

Mas com a falta de acesso à informação, principalmente aquelas que atuam de forma autônoma, como Microempendedoras Individuais (MEI), ainda desconhecem os seus direitos, já que existe ainda uma percepção equivocada de que apenas trabalhadoras que tem sua carteira de trabalho assinada tem acesso a direitos como auxílio-doença e reclusão e salário maternidade.

O material abordou também temas como trabalho doméstico não remunerado, vínculo empregatício, direitos trabalhistas das empregadas domésticas e trabalhos análogos à escravidão. Além disso, foi destacada a importância do fazer em rede, do afeto e da valorização do trabalho daquelas que estão nas nossas comunidades.

An illustration featuring several stylized women with different hair colors (blue, orange, black) and skin tones (black, brown, white). They are arranged in a group, with some overlapping. A central white box with a blue border contains the text 'Acesse aqui a cartilha completa.' Below this box is a blue circular icon with a white hand cursor pointing to the right. The background is a solid dark blue color.

[Acesse aqui a cartilha completa.](#)

MULHER TRABALHADORA, VIVA SEUS DIREITOS

OPRESSÃO ESTÉTICA E A RELAÇÃO COM OS CORPOS

Quem participou: Nutrilhar, Plus Size da Quebrada, Sábic, Tomas Educação, Odum Orixás, Casa Canto Arte e Cultura e Instituto Diversas



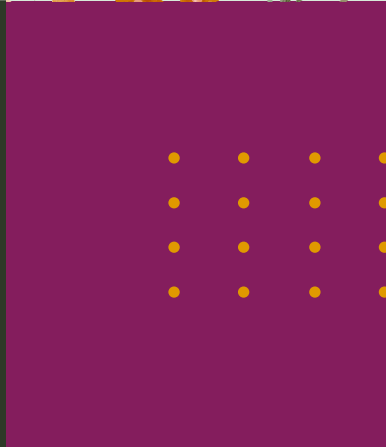
O que construímos juntas: Essa talvez tenha sido uma das campanhas mais desafiadoras de se construir, pois as próprias mulheres envolvidas na elaboração do material tiveram suas vidas marcadas por graves violências envolvendo sua aparência. Os encontros de concepção do material foram um espaço de compartilhamento de traumas e experiências que inspiraram reflexões e promoveram um acolhimento coletivo de histórias que muitas vezes se encontravam.



Foram várias reuniões com o grupo de trabalho para que pudéssemos chegar a uma abordagem responsável e respeitosa para abordar esse tema. Durante as conversas preparatórias, juntas, as participantes percebiam como algumas questões já naturalizadas, como o culto à magreza e à juventude eram mecanismos complexos de desumanização das mulheres.



A lente escolhida pelo grupo de trabalho envolvido na construção da campanha para tratar sobre o tema foi a interseccionalidade, já que muitas dessas violências estão relacionadas com questões estruturais da nossa sociedade: o capitalismo, o machismo e o racismo.

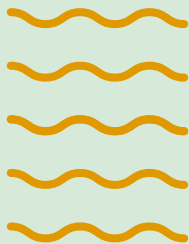


No texto, foram abordados temas ainda pouco acessados pelas mulheres com as quais os coletivos do grupo de trabalho atuam, como a gordofobia, a indústria da beleza, os impactos da pressão estética na saúde física e mental das mulheres, a relação entre beleza e elitismo, a importância da representatividade na indústria cultural e a construção da autoestima de meninas e mulheres.

O material passa por esses tópicos lançando mão de dados e pesquisas, mas também, ou principalmente, de exemplos de experiências comuns a várias mulheres sobre o tema. Mais do que trazer respostas, a campanha se propôs a construir interrogações que provocassem algum deslocamento do lugar comum.



Mais uma vez o afeto, o cuidado e o respeito ao próximo foram trazidos como caminhos para os problemas apontados.



Para mediar os encontros de construção dessa cartilha, a equipe do AIC Lab contou com o apoio generoso do PSILACS UFMG - Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo, a quem registramos aqui o agradecimento pela parceria.



Leia a cartilha completa.



CULTURA

Quem participou: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, Sodô Crew, Minas de Minas Crew, Afrolíricas, Morro Encena, Muquifu e Nosso Sarau

O que construímos: O grupo de trabalho propôs uma reflexão sobre a importância socioeconômica da cultura e como ela atravessa várias experiências: o modo que cantamos, cozinhamos, fazemos as receitas de família, penteamos os nossos cabelos, usamos gírias e nos relacionamos com a memória do nosso povo.

Um dos desafios encontrados na elaboração desse material foi de destacar que a cultura é para todas as pessoas, desmistificando algumas ideias preconceituosas e elitistas sobre o tema. Ao longo de todo o material, foi tratada a importância da valorização da cultura e das tradições locais, ponto ressaltado pelos grupos participantes.


Com objetivo de ser um conteúdo que valorize as mulheres que estão na cena cultural, não só em Belo Horizonte e região metropolitana, mas em todo o mundo, os coletivos homenagearam mulheres que consideravam importantes para a cultura e para a trajetória dos seus grupos. Assim, foi possível compartilhar um pouco de suas histórias para todas as pessoas que entrassem em contato com a cartilha.

DIREITO À MORADIA

Quem participou: Cidadania e Paz, Indômitas, Juventude na Ocupa, Kolping São Benedito, Maria Felipa, Mulheres de Luta do Zilah e Ora-Pro-Nobis

O que construímos juntas: A escolha do grupo de trabalho foi por abordar o problema da moradia como algo estrutural, a partir das vivências de mulheres moradoras de periferias. Contamos com a participação de duas lideranças comunitárias que tem suas histórias marcadas pela luta pelo direito à moradia, Marlene Matos, do Zilah Spósito e Ednéia Aparecida, do Conjunto Taquaril. Elas trouxeram para o grupo os desafios enfrentados pelas mulheres que não tem assegurado seu direito à moradia digna e segura num diálogo inspirador.

Durante as reuniões, foi destacada a importância de contar a história do acesso às terras no período de colonização do Brasil e as relações de violências que envolveram a construção de grandes cidades, como Belo Horizonte.



**NÃO BASTA UM TETO,
A MORADIA TEM QUE SER DIGNA!**

Além de informar sobre leis e dar dicas de acesso à direitos que envolvem o acesso à casa própria, o conteúdo do 6º volume da coleção, assim como na edição anterior, lançou mão de questionamentos que provocassem a reflexão das pessoas que teriam acesso ao material. Alguns dos tópicos problematizados foram o acesso à cidade e à infraestrutura básica, a relação entre o centro e as periferias urbanas, déficit habitacional e a relação entre violência doméstica e direito à moradia.

O conteúdo também apresenta leis federais e municipais e canais de órgãos e serviços públicos relacionados ao tema.



[Leia aqui a cartilha completa.](#)



**A cidade pertence
a quem?**

PERIFERIA
VIVA
MULHER:

UM VIVA
AO FAZER
COLETIVO!

#



40 coletivos?

Desde a concepção do Periferia Viva Mulher, todas as vezes que contávamos que eram 40 coletivos mobilizados na construção das campanhas informativas, foi essa a resposta que ouvimos.

Internamente, a equipe diretamente envolvida na execução também trazia as inseguranças envolvidas em uma construção tão coletiva. Como promover diálogos sobre os temas de cada campanha sem que o processo de construção fosse infinito? Como contemplar as principais demandas levantadas pelos coletivos - e suas diversas integrantes, sem entrar em contradição? Ou deixar a linguagem verbal e não verbal específica demais, de forma que não gerasse identificação em alguns dos públicos?

Aliás, antes disso, existia uma preocupação preliminar: será que as mulheres vão conseguir realmente participar dessa construção? Por mais que a demanda tenha partido delas, a gente que acompanha de perto o trabalho dos grupos sabe que, quem está à frente das organizações da sociedade civil nas periferias vive pelo corre e vive correndo.

No caso dos grupos organizados por mulheres, a sobrecarga é ainda maior. As jornadas são triplas, quádruplas... Será que depois dos trabalhos remunerados e domésticos, da aula, dos cuidados com os filhos e com os mais velhos e depois de lidar com as várias questões relacionadas às causas pelas quais atuam, essas mulheres teriam energia para conversar com “o pessoal da AIC” sobre uma tal campanha?

Sabendo que caminho se constrói andando, como diz Chico César, a gente começou o percurso. Encontrar o horário para a primeira reunião de elaboração da primeira campanha foi desafiador. Ali, já entendemos que não seria viável ter todas as integrantes de todos os coletivos do grupo de trabalho num encontro simultâneo. Passamos, desde então, a não aguardar pelo dia que todas pudessem participar para agendar as conversas. Simplesmente porque esse dia não existia.

A construção coletiva foi, por muitas vezes, assíncrona.

Em diferentes encontros, em várias conversas nos grupos de Whatsapp, em ligações para alguém da nossa equipe que pudesse “escutar a ideia” que alguém tinha no caminho de volta para casa.

Não foi exatamente esse o cenário que idealizamos quando nos propusemos a articular uma rede de grupos de mulheres.

Falar que fizemos o possível a partir das circunstâncias postas seria também bastante leviano da nossa parte. Tudo que essas mulheres construíram em rede durante o período de realização do Periferia Viva Mulher era impossível até nos melhores sonhos - nos nossos e nos delas.

Ainda não encontramos as palavras certas para dizer da potência dessas construções, que só pelas trocas nos encontros de elaboração das campanhas foram transformadores.

Por hora, sugerimos que você que nos lê conheça as produções indicadas ao longo deste e-book.

Talvez tenha sido lá que deixamos as nossas melhores palavras sobre essa rede que sublinhou a centralidade do afeto e do acolhimento entre mulheres para avançarmos nas nossas mais variadas lutas.

Sabe quando a gente é criança e precisa fazer uma colagem, um mosaico? Nessa história, nós do AIC Lab fomos a mão suja de cola que carrega com ela inclusive o que grudou sem ela ver.

Desenvolver projetos de comunicação para a cidadania com quem está na linha de frente da luta pela garantia dos direitos das mulheres tem se mostrado fundamental para que possamos inventar alternativas acessíveis e sensíveis às diversas realidades.

Como comunicadores, mobilizadores, educadores e ativistas, saímos daqui transformadas(os).

Pela parceria, generosidade e conhecimentos compartilhados no âmbito do Periferia Viva Mulher, agradecemos a todas e todos que fizeram tudo isso possível.



Ficha técnica das campanhas do Periferia Viva Mulher:

Vol. 1

Projeto Gráfico e Diagramação: Raique Nicácio;
Texto: Bárbara Gonçalves, Joana Rosário e Nathália Vargens;
Idealização: Coletiva Mulheres da Quebrada, Projeto Uily, Aura da Luta, Coletivo U-Manas, Casa Tina Martins e Mães de Luta MG e Equipe AIC Lab;
Articulação: Bárbara Gonçalves e Daniel Dorledo.

Vol. 2

Projeto Gráfico e Diagramação: Renata Gomes;
Texto: Bárbara Gonçalves, Joana Rosário e Nathália Vargens;
Revisão: Melissa Evelyn Lopez Carrasco, CRM 80572, médica da família.
Idealização: Basuras, Centro Cultural Conceição Evaristo, Cio da Terra, Dreminas, Casa Acolher e Quilombo Aéreo e Equipe Aic Lab;
Articulação: Bárbara Gonçalves e Daniel Dorledo.

Vol. 3

Projeto Gráfico e Diagramação: Renata Gomes;
Texto: Joana Rosário e Nathália Vargens;
Idealização: Flores do Morro, Renca, Roots Ativa, Oca Ilê, É de Preto, Projeto Badu e Tia Lu e Equipe AIC Lab;
Articulação: Bárbara Gonçalves e Daniel Dorledo.

**Vol. 4**

Projeto Gráfico e Diagramação: Renata Gomes;

Texto: Joana Rosário e Nathália Vargens;

Idealização: Nutrilhar, Plus Size da Quebrada, Sabc, Tomas Educação,

Odum Orixás, Casa Canto Arte e Cultura e Instituto Diversas e Equipe AIC Lab;

Articulação: Bárbara Gonçalves e Daniel Dorledo.

**Vol. 5**

Projeto Gráfico e Diagramação: Renata Gomes;

Texto: Joana Rosário e Nathália Vargens;

Idealização: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, Sodô Crew, Minas de Minas

Crew, Afrolíricas, Morro Encena, Muquifu e Nosso Sarau e Equipe AIC Lab;

Articulação: Bárbara Gonçalves e Daniel Dorledo.

**Vol. 6**

Projeto Gráfico e Diagramação: Renata Gomes;

Texto: Bárbara Gonçalves, Joana Rosário e Nathália Vargens;

Idealização: Cidadania e Paz, Indômitas, Juventude na Ocupa, Kolping São Benedito,

Maria Felipa, Mulheres de Luta do Zilah e Ora-pro-nóbis e Equipe AIC Lab;

Articulação: Bárbara Gonçalves, Daniel Dorledo e Nathália Vargens.

Coordenação: Nathália Vargens

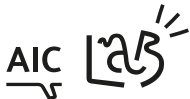
Gerência Executiva: Emanuela São Pedro

Fontes:

<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>

TERMO DE FOMENTO N° 929821/2022

REALIZAÇÃO:



MINISTÉRIO DAS
MULHERES

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Esta campanha faz parte do Periferia Viva Mulher, projeto realizado com recurso do Ministério das Mulheres/Governo Federal, via emenda parlamentar indicada pela ex-deputada federal Áurea Carolina na Lei Orçamentária Anual 2022